

## **CULTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS:**

### **AS DIFERENTES ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS DO RENASCIMENTO NOS ANOS 1970-80**

**Karolina Dias<sup>1</sup>**

Este trabalho se propõe a analisar como duas culturas históricas foram representadas em livros didáticos das décadas de 1970-80. Veremos, nos livros didáticos: “História Moderna e Contemporânea” de autoria de José Jobson de Andrade Arruda e “História Moderna e Contemporânea” do autor Carlos Guilherme Mota, como podemos perceber as diferentes abordagens teórico-metodológicas, enquanto culturas históricas sobre o Renascimento.

O Renascimento marca, para a sociedade Ocidental, o início da chamada Idade Moderna. A Idade Moderna foi, em certos pontos, uma continuação da Idade Média – deu-se continuidade aos estudos voltados para a compreensão do homem, e suas consequências refletem a visão que temos ainda hoje. Porém, o que marca a transição do medievo para o moderno é a ruptura da mentalidade, antes sempre voltada para a Igreja. O homem – representando-se como moderno – começou a partir daí e está presente e representado em grande parte das produções intelectuais e artísticas. Entre elas os livros didáticos, importante ferramenta utilizada para mediar o conhecimento professor – estudante nas salas de aulas.

Com isso, a pesquisa justifica-se para uma compreensão de como, na produção de livros didáticos, diferentes culturas históricas conduzem abordagens diversas sobre o mesmo conteúdo histórico, em nossa análise especificamente o Renascimento.

Os livros didáticos “História Moderna e Contemporânea” de Arruda e “História Moderna e Contemporânea” de Mota, demonstram como diz a pesquisadora Circe Bitencourt, que:

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de História – Universidade Federal do Rio Grande. Pesquisa desenvolvida com apoio da FAPERGS. Sob a orientação da professora Dra. Júlia Silveira Matos. Email: [kdias.es@gmail.com](mailto:kdias.es@gmail.com)

Conhecer e acompanhar as principais tendências da produção historiográfica não é apenas uma questão de caráter teórico, mas trata-se também de uma necessidade prática, porque é com base em uma concepção de *história* que podemos assegurar um critério para uma aprendizagem efetiva e coerente. (BITTENCOURT, 2011, p. 140).

Conforme discorreu a autora, as diferentes formas de apresentação dos conteúdos históricos influem diretamente no processo de ensino-aprendizagem e na constituição da aprendizagem histórica. Isso, porque seria através das diferentes vertentes historiográficas apresentadas pelos autores que perceberíamos diferentes explicações para um mesmo fato histórico. Dessa forma, analisarmos como Jobson Arruda e Carlos Guilherme Mota em seus livros didáticos apresentam diferentes abordagens historiográficas sobre o Renascimento e o início da Idade Moderna, nos auxiliará compreender como se solidificaram na literatura didática brasileira duas abordagens distintas sobre esse tema que se perpetuam nas produções posteriores.

## 1.1 Os autores e suas trajetórias

Antes de qualquer coisa, precisamos perceber quem esses autores - formação acadêmica e áreas de atuação – demonstrando suas diferentes visões historiográficas. O livro didático “História Moderna e Contemporânea” de Arruda<sup>2</sup> foi publicado em 1978. Arruda possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1966) e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1973). Atua em História Moderna e Contemporânea e em História Econômica. Sua formação em História Econômica nos auxilia a compreender sua abordagem materialista dos eventos históricos e sua opção por delegar aos processos econômicos da História Moderna a causa das transformações culturais e sociais desse período. Além disso, também precisamos perceber que conforme discorreu Astor Diehl, que até os anos de 1970 a historiografia brasileira ainda estava presa em alguns conceitos dicotômicos como as relações entre centro-periferia, urbano-rural e agricultura-indústria ente outros. Entretanto, a partir dos anos 70, surgiu, na análise do autor, uma nova orientação e

---

<sup>2</sup> Arruda: [lattes.cnpq.br/2940905388475026](http://lattes.cnpq.br/2940905388475026)

compreensão desse debate que se referia “... às próprias diferenças como determinadas pelas formas impositivas mais atrasadas ou mais avançadas que o sistema adota para esta ou aquela área dependente, ou, ao contrário, pelos processos de adequação assumidos por essas respostas àquela questão” (DIEHL, 1999:34). Conforme apontado pelo autor, na década de 70 novas explicações de orientação marxista surgiram para os processos de interpretação históricos, especificamente da História do Brasil, mas que aqui podemos perceber através da trajetória de Arruda que influíram na própria formação da visão de História empregada no livro didático aqui analisado. Segundo Diehl, durante os anos 70, “o reconhecimento da evolução no debate em diversos níveis e direções é, de certa forma, a vitalidade do marxismo para desvendar a dinâmica do processo de conhecimento científico da realidade histórica” (DIEHL, 1999:35). Dessa forma, podemos perceber a partir da análise de Diehl, que a nova orientação marxista influenciou diretamente na forma de interpretar os processos históricos e compreendê-los. Essa orientação nos parece apresentada em forma de uma cultura histórica na obra de Arruda como analisaremos mais adiante.

O outro livro didático aqui analisado “História Moderna e Contemporânea” de Mota<sup>3</sup> foi publicado em 1986, ou seja, 9 anos depois do livro de Arruda. Mota possui Graduação em História pela Universidade de São Paulo (1963), Mestrado em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de São Paulo (1967) e Doutorado em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de São Paulo (1970). Atua na área de História, com ênfase em História da Cultura e das Ideologias, principalmente em: arquitetura, urbanismo, Direito e mentalidades. Como vemos, através dessa breve análise da trajetória de Mota, sua formação se difere de Arruda, pela ênfase na cultura e nas mentalidades e apesar de uma formação na mesma Universidade e no mesmo período, apresenta um orientação historiográfica diversa do outro autor. Com uma orientação historiográfica própria dos anos de 1980, Carlos Guilherme Mota apresenta uma cultura histórica centrada na problemática das mentalidades. Nessa perspectiva, segundo Astor Diehl, “...a história das mentalidades tem, desde a década de 1980, um lugar garantido na historiografia brasileira, como também não é mais possível discutir-se a produção do conhecimento histórico contemporâneo sem incluir a questão das mentalidades”

---

<sup>3</sup> Mota: [lattes.cnpq.br/5519730777860696](http://lattes.cnpq.br/5519730777860696)

(DIEHL, 2004:2015). Portanto, os diferentes momentos históricos em que os livros aqui analisados foram produzidos e publicados nos demonstram como os debates historiográficos influem e alteram as formas de abordagem dos conteúdos históricos e suas representações.

Através de uma análise nos conteúdos do Renascimento presente nos capítulos dos livros já citados acima, poderemos perceber como foi representada a transição da Idade Média para a Idade Moderna, com o auxílio de publicações anteriores de grande relevância, como o livro “Linhagens do Estado Absolutista”, publicado pela primeira vez em 1974 e o livro “A cultura do Renascimento na Itália”, de Jacob Burckhardt, um clássico de 1860.

O livro “História Moderna e Contemporânea<sup>4</sup>” de Arruda trás “O Renascimento” como terceiro capítulo. Partindo por um viés socioeconômico, como diz o autor na apresentação do livro, o primeiro capítulo é denominado “Transição do feudalismo ao capitalismo” e o segundo “A expansão comercial e marítima europeia”. A ordem de apresentação dos capítulos apresentados no livro de Arruda, demonstra a hierarquização de ideias, na qual a formação do capitalismo, delegado em suas origens ao mercantilismo, e em segundo a expansão europeia a busca por novos espaços de exploração comercial, nos revela sua abordagem materialista e socioeconômica, como o próprio autor apontou, dos processos históricos e sua representação didática.

Já no livro “História Moderna e Contemporânea<sup>5</sup>” de Mota, o Renascimento aparece já no primeiro capítulo. A expansão marítima europeia, capítulo que antecede o Renascimento em Arruda, aparece como um subitem em Mota: O Renascimento e as Grandes Navegações. Novamente, conforme a apresentação dos capítulos da obra, vemos que na hierarquização das ideias de Mota, o motor das transformações que demarcam a transição entre a Idade Média e a Moderna é o próprio Renascimento, ou seja, as novas visões culturais que surgiam nesse período histórico. Com abordagem historiográfica diferente de Arruda, Mota demonstra uma visão cultural dos eventos históricos e de seu encadeamento.

---

<sup>4</sup> ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História Moderna e Contemporânea**. 9ªed. São Paulo: Ática, 1978.

<sup>5</sup> MOTA, Carlos Guilherme. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Ed. Moderna, 1986

Mesmo considerando que Arruda na introdução do capítulo sobre Renascimento afirmou que o mesmo marcou o início dos Tempos Modernos no plano cultural, percebemos que o motor do próprio Renascimento foi econômico, conforme discorreu:

O Renascimento começou na Itália e seu desenvolvimento e difusão foram possíveis graças a uma série de circunstâncias da história italiana. Com o progresso das cidades e do comércio, muita gente enriqueceu a ponto de ficar em condições de proteger os artistas e gastar bastante com a Arte; os protetores dos artistas eram chamados mecenas. Estes acabavam conhecidos e respeitados por todos. A Arte os ajudava a conseguir créditos e a divulgar as atividades das suas empresas, contribuindo para o progresso (...). Como o fato de ser mecenas era sinal de prestígio, o interesse social uniu-se ao econômico e ao político em benefício do Renascimento. (ARRUDA, 1978, pp. 29-30).

Como vemos, para Arruda, o Renascimento somente teve condições de se desenvolver porque a arte era vista como meio de divulgação das empresas e por isso muitos burgueses exerciam o mecenato, vendo neste um meio de ascensão social. Dessa forma, no capítulo, o autor, inicia sua análise apontando que o Renascimento surgiu nas cidades italianas, onde graças a um acúmulo de riquezas, era possível gastar com arte. E o dinheiro era gasto para que se fizesse uma “propaganda” da opulência material. Dessa forma, para o autor, o Renascimento só foi possível porque o dinheiro dos grandes mecenas impulsionaram os artistas a produzirem. Na visão de Arruda, o Renascimento torna-se somente uma forma de cultura que surgiu para expressar a nova vida econômica e social na qual as cidades italianas estavam mergulhadas.

Nessa perspectiva, em trabalho anterior à publicação desse livro, o historiador marxista Perry Anderson trabalha com a luta de classes e os resultados políticos dessas lutas, em seu livro “Linhagens do Estado Absolutista”<sup>6</sup>.

O Renascimento para Anderson, assim como vimos em Arruda, foi a cultura se moldando a nova forma da sociedade. Havia, na Idade Média, o modo de produção feudal, que lentamente foi se transformando e a ruptura aconteceu na formação do Estado absolutista.

---

<sup>6</sup> ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado absolutista**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004

Assim, quando os Estados absolutistas se constituíram no Ocidente, a sua estrutura foi fundamentalmente determinada pelo reagrupamento feudal contra o campesinato, após a dissolução da servidão; mas ela foi secundariamente *sobredeterminada* pela ascensão de uma burguesia urbana que, depois de uma série de avanços técnicos e comerciais, evoluía agora em direção às manufaturas pré-industriais numa escala considerável<sup>3</sup>. (ANDERSON, 2004, p. 22).

Então, ele trabalha o Renascimento como um pré-capitalismo. Aliás, o Renascimento não necessariamente se destaca do todo – todas lutas entre o senhor feudal e os camponeses, o reauecimento do comércio pela utilização dos excedentes (e a adaptação da cultura quanto a isso), o acúmulo de riquezas, uma nova classe – dos burgueses, o fortalecimento e união dos Estados, vieram a gestar as monarquias absolutistas.

Se até aqui vemos que Arruda dialoga com outro historiador que demarcou a historiografia moderna e por isso se insere em uma cultura histórica de orientação marxista, perceberemos mais detalhadamente que em Carlos Guilherme Mota o Renascimento teve como propulsor outros fatores. No início de seu capítulo responde a própria pergunta: O que foi o Renascimento?

O Renascimento representou a retomada, durante os séculos 15 e 16, de formas e valores artísticos, filosóficos e políticos da *Antiguidade Clássica* (greco-latina), dando início a um processo de profunda renovação cultural que se faria sentir até o século 18. Esse fenômeno histórico inaugurou e definiu, de maneira nítida, os Tempos Modernos. (...) Originou-se, por volta de 1450, em *Florença*, na Itália, propagando-se depois pelo resto da Itália e Europa, ganhando características diferentes durante seu desenvolvimento. Apesar dessa diversidade, é inegável que apresenta, sempre, uma característica básica comum: a ruptura, em maior ou menor grau, com a tradição feudal, marcadamente religiosa (teocêntrica) e imobilista (sociedade rigidamente dividida em três grupos: clero, nobreza e povo). (MOTA, 1986, pp. 3-4).

Como vemos, Mota analisou o Renascimento como uma retomada de valores da Antiguidade, que modificou a cultura de onde estavam inseridos e isso alterou os outros aspectos da vida em sociedade, dando início a Modernidade. Ele trabalha com a ruptura que foi causada nas mentalidades, em uma vida que antes era centrada em Deus.

Em diálogo com a obra desse autor, a visão de ruptura encontra-se em Jacob Burckhardt<sup>7</sup>, autor de famosas obras relacionadas ao Renascimento. Para ele,

---

<sup>7</sup> BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Na Idade Média, ambas as faces da consciência – aquela voltada para o mundo exterior e a outra, para o interior do próprio homem – jaziam, sonhando ou em estado de semivigília, como que envoltas por um véu comum. De fé, de uma prevenção infantil e de ilusão tecera-se esse véu, através do qual se viam o mundo e a história com uma coloração extraordinária; o homem reconhecia-se a si próprio apenas como raça, povo, partido, corporação, família ou sob qualquer outra das demais formas de coletivo. Na Itália, pela primeira vez, tal véu dispersa-se ao vento; desperta ali uma contemplação e um tratamento objetivo do Estado e de todas as coisas deste mundo. Paralelamente a isso, no entanto, ergue-se também, na plenitude de seus poderes, o subjetivo: o homem torna-se um indivíduo espiritual e se reconhece como tal. (BURCKHARDT, 2009, p. 145).

Na mesma direção de Mota, para Burckhardt houve a retomada dos valores da Antiguidade, entretanto, para esse autor só os italianos poderiam retomar valores da Antiguidade porque partiriam de seus próprios valores representados pelas ruínas do antigo Império Romano. Então, o homem começaria a dissociar-se do coletivo. A tomada de consciência tornaria a mudança irreversível. Antes, uma massa que obedecia a Igreja tornava-se, aos poucos, seres de debates nas ruas das cidades italianas. É claro que, na visão do autor, a religião não desapareceu da vida dessas pessoas, mas a partir de tal fato, eles passaram a dar importância ao homem, a si mesmo, ao indivíduo. Prova disso é o início das representações de homens e mulheres “comuns” nas obras de arte. Assim, Tanto Mota, quanto Burckhardt, retrataram o Renascimento à luz de suas respectivas visões historiográficas. Para eles o motor de toda a transformação ocorrida no processo de transição entre a Idade Média a Moderna é a cultura.

Como vimos, a ruptura das mentalidades vista em Mota só acontece no Absolutismo para Arruda. Essa análise nos alerta enquanto docentes para percebermos que é imprescindível conhecer bem o livro didático utilizado. Afinal, é inegável que o livro didático é um importante mediador de conhecimentos nas salas de aula, é fundamental que se conheça as vertentes historiográficas dos autores. Pois a falta de conhecimento do profissional pode levar os estudantes a visões equivocadas ou até mesmo a falta de entendimento. É interessante percebermos também que estas visões historiográficas, presentes em livros didáticos das décadas de 70 e 80, ainda hoje não foram superadas. Acreditamos que ambas as vertentes teóricas bem explicadas, podem ser utilizadas nas salas de aula para explicar a Idade Média e como ela gestou a Idade Moderna. Porém, a força de uma cultura e seu movimento

não devem ser subestimados. A própria cultura presente nas cidades italianas foram suprimidas ao passo que se amalgamavam com as culturas greco-latinas. Portanto, nos é interessante chamar a atenção no final desse artigo, para o fato de que muitas pesquisas ainda precisam ser feitas sobre como duas formas de abordagem historiográfica se consolidaram enquanto culturas históricas e apesar de toda a produção acadêmica sobre a temática na atualidade, ainda não foram superadas nas formas de representação dos conteúdos nos livros didáticos de História.

## FONTES:

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História Moderna e Contemporânea**. 9ªed. São Paulo: Ática, 1978.

MOTA, Carlos Guilherme. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Ed. Moderna, 1986.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado absolutista**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura Historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970**. Passo Fundo: UPF, 1999.

\_\_\_\_\_. **A cultura Historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2004.



# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Média, nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

## SITES:

ARRUDA, José Jobson de Andrade. Currículo Lattes. Disponível em <[lattes.cnpq.br/2940905388475026](http://lattes.cnpq.br/2940905388475026)> Acesso em: 25 de fev. 2013.

MOTA, Carlos Guilherme. Currículo Lattes. Disponível em <[lattes.cnpq.br/5519730777860696](http://lattes.cnpq.br/5519730777860696)> Acesso em: 25 de fev. 2013.

OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. **O estudo da Idade Média em livros didáticos e suas implicações no Ensino de História**. Cadernos de Aplicações, Porto Alegre, v. 23, n. 1, jan./jun. 2010.